

A Dinâmica da Mudança que Transforma o Ser Humano¹

Edmilson Borges da Silva *

Tempo e espaço são categorias na acepção Durkheimiana, são noções universais de propriedade das coisas, (DURKHEIM, 1978). São recursos mentais e não uma realidade existente, (VIANA, 2002), é a discussão que o autor faz corroborando com a elaboração de Durkheim. Em última instância, os valores agregados dizem do social nas categorias como tempo e espaço,

E como todos os homens de uma mesma civilização representam o espaço de uma mesma maneira, é preciso evidentemente que estes valores afetivos e as distinções que dele dependem lhes sejam igualmente comuns; o que implica quase necessariamente que elas são de origem social (DURKHEIM, 1978, p. 213).

Tempo e espaço tornam-se conceitos² desconstruídos e reconstruídos na relação com as construções e desconstruções de tradição e modernidade. O espaço e o tempo em companhia da tradição e da modernidade se tornam conceito empiricamente verificável, ou seja, como relações sociais modificaram o tempo vivido e o espaço situado, deslocando, movimentando, provocando rupturas, tensões e conflitos, novas tecnologias modificaram radicalmente as noções estabelecidas como perene no espaço e tempo, a efemeridade passou a ordem do dia.

Tradição tomada como um fluxo linear e que não se altera é antagônica ao moderno que muda constantemente e é prenhe do novo. Na relação tradição e moderno, a primeira carrega o atraso e a segunda é o rebento do novo, para isso ocorrer e se legitimar uma disputa conceitual em torno do espaço e do tempo vai se estabelecer e tornar necessária na compreensão do movimento histórico que as relações humanas e de produção vão se configurando.

¹ Este texto foi originalmente desenvolvido para fins de obter conceito avaliativo na disciplina Sociologia Contemporânea no curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Sociologia na UFG.

* Mestrando em Sociologia na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, vinculado a linha de pesquisa “Cultura, Representações e Práticas Simbólicas”; graduado em Ciências Sociais na mesma instituição.

² (JUNIOR, 2001). Num capítulo do livro, *História, verdade e tempo*, organizado por (SALOMAN, 2011) diz que os conceitos “são ferramentas que, geradas a partir de uma realidade empírica, produzem uma generalidade que deve ser confrontada com essa realidade empírica através do estudo de casos particulares”, (Ed. Argos, 2011, p. 78).

São quatro palavras imperiosas na elaboração sociológica para compreender as sociedades em suas formações e reconfigurações, são categorias que associadas a outros eventos tornam-se conceitos que se formam na tensão, na contradição e na disputa e que compreendidos na relação necessária de um com outro, não são conceitos jogados ao vento, e se jogados são capturados na elaboração relacionando-os uns com os outros, ou ainda, a formulação de um parece depender do que o outro vai se tornando.

O espaço geograficamente mensurável, possível de ser apanhado aos olhos, ou, suas fronteiras serem cavalgadas com ou sem extenuação, espaço em jardas, alqueires, quilômetros, metros, enfim, o espaço delimitado não é a primeira noção de espaço. O espaço para muitas comunidades ou agrupamentos humanos é o espaço sem fronteira, sem cercas, sem interdições ou sem a legalidade auferida, ou ainda, guardada pelo cano que cospe fogo,

A mesma coisa se pode dizer dos posseiros, que fazem uma agricultura de roça, o que implica um retorno cíclico à mesma terra depois de um período de seis a sete anos, quando a fertilidade do solo foi restabelecida (MARTINS, 1993, p. 51).

O espaço possível de dar passos é um espaço criado, dado pela natureza, guarda suas criações: o curso do rio; no horizonte o morro, a montanha; os boqueirões; as quedas d'água; os sulcos ou quênios; guarda as nascentes; as veredas; as matas ciliares, de encostas; guarda o campo aberto e a densidade da floresta; guarda uma imensa variedade de flora; guarda sua fauna, com asas, rastejantes, quadrúpedes; no curso dos rios uma variedade de animais desenvolvidos para captar na água seu oxigênio e sobre a terra vive mamíferos bípedes que foram capazes de se apropriar desse vasto espaço, nomeá-lo e modificá-lo, essa noção de espaço dado manifesto pela a natureza é uma noção apropriada pela ordenação judaico/cristã em que tudo é uma criação divina,

Geração vai geração vem, e a terra permanece sempre a mesma. O sol se levanta, o sol se põe, voltando depressa para o lugar de onde novamente se levantará. O vento sopra para o sul, depois gira para o norte e, girando e girando, vai dando as suas voltas. Todos os rios correm para o mar, e o mar nunca transborda; embora cheguem ao fim do seu percurso, os rios sempre continuam a correr. Toda explicação fica pela metade, pois o homem não consegue terminá-la. O olho não se farta de ver, nem o ouvido se farta de ouvir. O que aconteceu, de novo acontecerá; e o que se fez, de novo será feito: debaixo do sol não há nenhuma novidade. Às vezes, ouvimos dizer: “Veja: esta é uma coisa nova!” Mas ela já existiu em outros tempos, muito antes de nós. Ninguém se lembra dos antigos, e aqueles que existem não serão lembrados pelos que virão depois deles (ECLESIASTES, c. 1, v 4-11).

O espaço dado guarda o que os seres humanos em suas relações de produção chamaram: riquezas. É o espaço que criou as condições elementares da vida emergir e nesse emaranhado de vidas, uma se sobrepôs e tornou a ameaça real de sobrevivência desse espaço.

A vida humana que cresceu e multiplicou, enfrentou o calor do sol, as chuvas e os raios da atmosfera, os animais da imensidão aquífera e os animais na densidade das matas e florestas, de sua fragilidade física avultou-se no uso da elaboração para modificar o inóspito e o selvagem habitável a seu favor. Na busca da vida os seres humanos se tornaram gregários, solidários, viveram em hordas para se tornar um produtor do ambiente necessário à produção e reprodução da vida humana,

Trata-se muito mais de uma forma determinada de atividade dos indivíduos, de uma forma determinada de manifestar sua vida, um modo de vida determinado. Da maneira como os indivíduos manifestam sua vida, assim são eles. O que eles são coincide, portanto, com sua produção, tanto com o que produzem como com o modo como produzem. O que os indivíduos são, por conseguinte, depende das condições materiais de sua produção (MARX; ENGELS, 2005, p. 44/45).

Este espaço primitivo constituído pela ação humana era um espaço sem fronteiras, com sua multiplicação e agrupamento, com a criação das regras de convívio, o surgimento da magia, os seres humanos produziram significados ordenados do que é a vida e passaram a explicá-la e requerer uma ampliação para além da concretude da vida, buscou um sentido pós-morte, estabeleceram uma relação com o além, construiu deuses e se constituiu Deus, a ponto de perder o momento em que Deus se tornou criador ou foi uma criatura, assim, a fronteira se tornou uma questão a ser percebida e pronunciada pelo ator criador,

O rio, a parede ou a árvore faz fronteira. Não tem o caráter de não lugar que o traçado cartográfico supõe no limite. Tem um papel mediador. Também a narração o faz falar: “Para!” – diz a floresta de onde sai o lobo. “Stop!” – diz o rio mostrando o seu jacaré. Mas este ator, pelo simples fato de ser a palavra do limite, cria a comunicação assim como a separação: e muito mais, só põe uma margem dizendo aquilo que o atravessa, vindo da outra margem. Articula. É também uma passagem. No relato, a fronteira funciona como um terceiro. Ela é um “entre dois” – “um espaço entre dois” (CERTAU, 2014, p. 195).

Enquanto o espaço natural em sua longa marcha continuava sua existência de mutações quase imperceptíveis, os seres humanos continuavam suas tentativas de inferir no espaço natural e modificá-lo.

É nessas tentativas humanas vista ao longo do tempo que aparecem bem *a posteriori* à periodização do tempo e do espaço. Aquilo que até então era dado, passou a ser artificialmente ou socialmente elaborado.

O tempo não foi inicialmente medido, não tinha necessidade de ser quantificado, o tempo passava e na observação dos primórdios a mudança foi observada, o sol tinha um ciclo com a chuva o mesmo; o frio tinha um ciclo com o calor o mesmo; as plantas cresciam e em dada época perdiam suas folhagens com os animais o mesmo, perdia ou trocavam de pelo e mudavam de cor; havia tempo de enchentes e estiagem; havia o tempo do viver e da morte.

Na sua relação com os céus, inexploráveis em tempos passados, hoje nem tanto, lá nos altos viviam os Deuses, cá em baixo seus súditos, súditos já é uma apropriação de humanos que astutamente souberam submeter o semelhante, nessa relação entre cria e criador, os seres humanos socialmente qualificados, souberam explicar o tempo que corre, a matriz religiosa serviu como orientação deste tempo ordenado:

Debaixo do céu há momento para tudo, e tempo para cada coisa: Tempo para nascer e tempo para morrer. Tempo para plantar e tempo para arrancar a planta. Tempo para matar e tempo para curar. Tempo para destruir e tempo para construir. Tempo para chorar e tempo para rir. Tempo para gemer e tempo para bailar. Tempo para atirar pedras e tempo para recolher pedras. Tempo para abraçar e tempo para perder. Tempo para guardar e tempo para jogar fora. Tempo para rasgar e tempo para construir. Tempo para amar e tempo para odiar. Tempo para a guerra e tempo para a paz (ECCLESIASTES, c. 3, v 1-8).

O tempo é dado, tem um ciclo natural assim como o espaço o é, nesse diagnóstico primeiro, o tempo e o espaço aos céus pertencem, é criação dos deuses, se na relação estabelecida com Deus - que na luta humana pelo panteão dos deuses se tornou um único Deus – o tempo e o espaço é dado na eternidade daquele que tudo criou. Como diria um padre, “onde é o céu?” Ele responde, “não se sabe, o céu é no tempo e no espaço é eterno³!” Para Deus o tempo é eterno, está dado e não terá fim, o fim é o dos mortais, sendo estes, criação de Deus.

³ No dia 01 de novembro de 2014, numa missa de finados, na zona rural de Bela Vista de Goiás, vi e ouvi um padre jesuíta – Nilson Maróstica - pronunciar em seu sermão essa afirmação.

Essa noção temporal, secularmente elaborada, é com certeza a de maior longevidade na história humana, ainda hoje guia de muitas almas crentes na duração eterna do tempo e da vida.

Mesmo trabalhando com a esperança do tempo eterno - haverá o dia da redenção, onde o sofrimento humano se aliviará para uns, e se aprofundará para outros - os seres humanos precisaram criar as condições da vida ser vivida e reproduzida, com isso, interferiu, na fauna, na flora, nos ciclos naturais: mudou o curso dos rios, desmatou, matou animais para matar sua fome, domesticou animais, abriu caminhos para facilitar seu deslocamento, criou condições de navegar sobre as águas e aprendeu a se divertir com a caça de animais, eliminar o que não lhe servia.

Com tamanha condição de domínio sobre o ambiente e sendo que as perdas não colocava em xeque sua continuidade, os seres humanos aprenderam há controlar o tempo e o espaço, a modificar a natureza para criar melhores condições de vida, isso tornou o natural num ambiente socialmente criado e historicamente dominado e habitável.

Vivendo sem fronteiras os seres humanos se espalharam pela superfície da terra e em diversas áreas criaram distintas sociedades, com hábitos distintos, formas de viver diferentes, isso foi originando diferentes formas de ocupar o espaço e demarcar o tempo. No entanto, o tempo foi medido, aos olhos dos tempos modernos, como um tempo de longa duração e a este olhar como um tempo lento, “Houve um tempo, como na Idade Média, em que só se trocava o supérfluo, o excedente da produção sobre o consumo (MARX, 2007, p. 35)”.

A cada periodização pela ciência histórica, o tempo foi marcado pelo que se produzia no espaço e como se produzia. As relações de produção e suas invenções históricas para interferir no meio natural foram demarcando o homem no seu tempo e espaço, então, como se casava, como se extraía frutas, como se revirava a terra para o plantio, as formas de colheita, como armazenavam os grãos, as relações de troca, etc. tudo isso caracterizava uma etapa do tempo histórico e socialmente vivido, “Houve ainda um tempo em que não só o supérfluo, mas todos os produtos, toda a produção industrial passaram para o comércio, em que toda produção dependia da troca (MARX, 2007, p. 35)”.

O ser humano se apropriou do tempo e do espaço, modificou a forma de relacionar com ele à medida que foi domesticando a natureza para seus fins, domesticou animais para o transporte, dobrou os rios navegando suas águas ou represando-a segundo sua necessidade.

O passar do tempo passou a ser cronometrado, então, foi possível calcular a passagem do tempo e trabalhar pelo seu aceleração.

É aí que surge uma marcação de períodos temporais, no tempo em que tudo era manual, do dado a boca, sobre o dado sua cobertura, enfim na simbiose humana com a natureza, isso mereceu o nome de primitivo. Várias fases vão viver a humanidade para chegar aos tempos atuais e chamá-lo moderno, do moderno com olhar retrospectivo é que tudo será nomeado para que o futuro seja o guia do tempo presente.

Um longo período viveram os homens transformando a terra para a produção de sua subsistência e a vida em abundância dos que acima, na estratificação social, de si estavam. Este ser humano vivia a dureza da natureza, a fúria das pestes, a intolerância das guerras, o chicote dos senhores e o encanto do badalo das catedrais que anunciava a redenção para depois,

Sobreveio, finalmente, um tempo em que tudo o que os homens tinham considerado inalienável se tornou objeto de troca, de tráfico e podia ser alienado. É o tempo em que as próprias coisas que até então eram transferidas, mas nunca trocadas; dadas, mas nunca vendidas; adquiridas, mas nunca compradas, virtude, amor, opinião, ciência, consciência, etc. Tudo, enfim, passou para o comércio. É o tempo da corrupção geral, da venalidade universal ou, para falar em termos de economia política, o tempo em que todas as coisas, morais ou físicas, ao serem convertidas em valores venais, são levadas ao mercado para serem apreciadas por seu valor mais justo (MARX, 2007, p. 35).

Neste tempo onde a correria era feita a cavalo, a alta velocidade era da carroça ou do carro de boi e o espaço a ser vencido era grande e guardavam seus mistérios, além da linha do horizonte dos mares moravam monstros fabulosos que só a escatologia explicava.

Entre a norma divinamente ditada e anunciada por homens que viviam melhor que a maioria, vivem homens que se colocam diferentemente da maioria, nas condições de cada tempo vão surgindo às condições de superar esse tempo subordinado aos deuses, mas coordenados por semelhantes, geralmente longe das agruras do tempo real vivido nas dores do espaço.

Entre o céu e a terra vivem as ilusões que embalaram os homens no seu tempo construído, seguindo a fé na eternidade, as seguranças nas instituições que eram ao mesmo tempo a detonadora de seus fardos, assim, velavam a vida com as aspirações do paraíso.

Este tempo é um tempo de invenções, regulação da vida, criação no e do cotidiano, entre as trevas e as luzes o corpo é razão de pecado e de prazer, a mortificação da carne é a

certeza da salvação, a saúde é coisa de possessão, mas é também, coisa de novas invenções e buscas, os fantasmas que possuem o homem são os fantasmas dos que buscam ser mais do que o seu tempo lhes permitem, na invenção do humano o que pode ser é criado no seu tempo, ver para, além disso, já é uma condição permitida para que o tempo e o espaço seja ressignificado e novas formas de interação e relações de produção se estabeleçam, “Para ser mais preciso, seria necessário dizer que não se trata da maneira de ver este ou aquele conteúdo do saber, mas de uma maneira de ver que designa uma transformação epistemológica (DELAPORTE, 2011, p. 57)”. No entanto, uma geração ou mais, paga o preço de se rebelar com as condições de viver no espaço ordenado em seu tempo.

Este tempo pacato, este marasmo do tempo, vivido nos passos que caminham léguas; que galopam dias e noites; que a cura vem da cantoria, das rezas, da benção para que o enfermo sobreviva ao bote do peçonhento vivente; da reza nos cruzeiros para que a piedade dos céus sobrevenha em períodos de seca ou para que sua fúria se abrande em tempos de trovões, relâmpagos e violenta “tromba d’água”. Este tempo, ainda encontrado, é o tempo de um tempo vivido em espaços que para se encontrar demoravam dias ou, jamais seria encontrado em deslocamentos humanos.

O tempo que veio a galope, e isso era o melhor de sua época, criou uma repetição que ao longo do tempo e que na semelhança dos espaços se tornou uma tradição. Viver foi por muito tempo, acordo de cavalheiros, as palavras tinham valor, as trocas podiam ser mediadas entre bens materiais, as relações, em vários espaços foi coisa de homem que as mulheres por hora eram autorizadas a participar, as convenções tinham valor de sangue, o dorso e as mãos calejadas pelo sol e pelo cabo da ferramenta, sinal de masculinidade.

Mesmo que aos céus suas bênçãos, na terra alvejar o peito do semelhante era lavar a honra, garantir a dignidade do lar; comprar no empório ao longo do mês e jamais faltar com o acerto no fim de mês era manter o banho em dia do seu nome; suprir o lar e não deixar a família passar necessidade é dever; a preguiça e o coisa ruim tomando de conta é verme parasitando o capiau, ainda que da falta de coragem nasça uma profunda malandragem para enfrentar o patrão e o cotidiano, ela é algo abominável a um homem de grandeza, de decência moral e de boa fé.

O homem em sua inquietude milenar, nas suas invenções, nas suas formas de organizar e dispor os espaços ao longo de tempo criou modos de produção que ordenavam a vida na terra e em relação com o céu, sempre dispondo sobre os submissos e os superiores,

entre Deus e os seus representantes sempre estiveram vasta população, que de tempos em tempos, discordaram dessa delegação divina e tentaram subverter a ordem, ainda que usasse para isso os instrumentos que a fé de seu tempo lhes emprestará.

De um lado os que movem o tempo produzindo riquezas que são apropriadas de forma desigual, do outro, os que controlam o espaço e aceleram o tempo para garantir maior concentração de riqueza e submissão econômica, cultural, religiosa e social dos demais,

Há história à medida que os homens não se “assemelham” ao seu tempo, à medida que eles agem em ruptura com o “seu” tempo, com a linha de temporalidade que os coloca em seus lugares impondo-lhes fazer do seu tempo este ou aquele “emprego”. Mas essa ruptura mesma só é possível pela possibilidade de conectar essa linha de temporalidade com outras, pela multiplicidade de linhas de temporalidade presentes em “um” tempo (RANCIÈRE, 2011, p. 47).

Nestas buscas distintas de fazer a vida ser vivida, a aceleração do tempo veio por meio de máquinas que mudaram a forma de produzir as coisas segundos às necessidades humanas. Encurtar o tempo por meio de novas tecnologias aproximavam os espaços, desestabilizar as regras da tradição provocava novos deslocamentos, com isso, a emergência de uma nova forma de sociabilidade era dada, ainda que os conflitos se estabeleçam, eles são necessários.

Um dos traços principais das implicações globalizantes do industrialismo é a difusão mundial das tecnologias de máquina. O impacto do industrialismo é claramente não limitado à esfera de produção, mas afeta muitos aspectos da vida cotidiana, bem como influencia o caráter genérico da interação humana com o meio ambiente material (GIDDENS, 1991, p. 88).

A emergência de uma nova ordem solapa os estabelecidos modificando as regras de relações, desmistifica os valores, reinventa o cotidiano, aproxima os distantes, permite o até então não permitido, quebra a barreira entre o que pode e o que não podia, reordena o espaço com suas novas invenções, modifica a relação campo e cidade, torna o tempo mensurável, controlável no espaço terrestre, revela os monstros do além, envereda por rumos dantes navegados, derruba florestas assombradas, assusta os viventes causando um terremoto sobre os seus pés e não tem lugar para correr, “A história não está do nosso lado, não tem teleologia, e não nos proporciona garantias (GIDDENS, 1991, p. 168)”. De frente do desespero uma nova ordem vai se acalmando e recompondo um novo homem do que sobrou depois do susto.

Assim nasce a modernidade, reinventa o tempo estabelecendo sobre este uma urgência e um controle, modifica as noções de espaços, a magia é desmistificada, o estabelecido é desalojado, as regras pautadas na palavra agora é pautada em mecanismos burocráticos e simbólicos na relação contratual e o processo de produzir é acelerado garantindo uma imensa produção de coisas dispostas ao consumo de quem pode pagar para movimentar um imenso sistema financeiro reinventado com suas novas instituições,

Mas as mudanças ocorridas durante os últimos três séculos – um diminuto período de tempo histórico – foram tão dramáticas e tão abrangentes em seu impacto que dispomos apenas de ajuda limitada de nosso conhecimento de períodos precedentes de transição na tentativa de interpretá-las (GIDDENS, 1991, p. 15).

Única coisa que não é novidade, mas é acentuada, é a manutenção da distinção, da exploração, do submisso e do suserano, agora como operário e o dono dos meios de produção, todos dispostos numa relação hierarquizada chamada capitalista.

A modernidade chamou às luzes os que viviam na escuridão do espírito; agraciaram os que colocaram os homens no isolamento de suas vidas, doravante os homens estão a sua mercê e não dependem da prisão do tempo eterno, a razão é razão da produção de conhecimentos para dominar a natureza e garantir a multiplicação seja da espécie e da forma de exploração. Assim, os males do corpo são passíveis de serem curados, as invenções se multiplicam e anunciam aliviar o sofrimento humano e a todos ser garantido um futuro que ora passa a ser senhor do presente e sentença do passado.

É com o advento da modernidade que o tempo, sempre como senhor na agenda humana, é submetido à vontade humana, controlado no processo produtivo, amansado de sua determinação fatal quando o elixir da eterna juventude lhe é dado, o tempo é cronometrado para que vida seja vivida nas frações desse tempo, a vida passa a ter dias, meses, anos, o eterno agora é até enquanto dure, o que se repete é a vida no tempo e não o tempo na vida.

Em termos claros, o problema era fazer que o trabalhador empregasse todo o seu engenho, sua criatividade, seus conhecimentos técnicos, suas competências profissionais assimiladas nos ofícios que exerceu, suas habilidades pessoais adquiridas com as situações que enfrentou nestes, seu maior esforço psíquico, intelectual e físico, toda a sua capacidade de concentração e destreza para a realização das tarefas que lhe competiam, tudo com o menor desgaste de suas energias e, principalmente, dentro do menor tempo possível (PINTO, 2010, p. 28).

O espaço é regulado, a propriedade que a muito está cercada passa a medir o grau de evolução do sistema produtivo, a terra deve ter renda, pois se não, joga contra a produção da fábrica que está gerando coisas que geram renda. A pressa das ligações telegráficas, os correios, os e-mails encurtam o espaço. Os carros, os aviões, navios, etc. permitem o deslocamento de um espaço a outro em curto tempo. As mediações comunicativas tornaram a disposição dupla em espaços simultâneos, estou aqui e lá, te vejo do outro lado, mas, você está aqui.

Tempo e espaço, embora se autonomizaram da mútua dependência da tradição, se imbricaram, se correlacionam, o tempo para existir precisa ocupar o espaço, o inverso é repetição do refrão, a melodia dessa superposição é a presentificação do passado em vista do futuro. Toda diferença saudada é condição para mover o rolo compressor que aplaina tudo e todos, no micro existe diferença, na soma existe mais do mesmo que move o lucro, sendo este a imagem do belo, do lúdico, do prazer, do objetivo, pois existe um horizonte visível o difícil é chegar lá, mas, todos estão tentando, então, os desvios é intolerável,

Se o delinquente só existe deslocando-se, se tem por especificidade viver não à margem, mas nos interstícios dos códigos que desmancha e desloca, se ele se caracteriza pelo privilégio do percurso sobre o estado, o relato é delinquente. A delinquência social consistiria em tomar o relato ao pé da letra, toma-lo como o princípio da existência física onde uma sociedade não oferece mais saídas simbólicas e expectativas de espaços a pessoas ou grupos, onde não há mais outra alternativa a não ser o alinhamento disciplinar e o desvio ilegal, ou seja, uma forma ou outra de prisão e a errância do lado de fora. Reciprocamente, o relato é uma delinquência em reserva, mantida, ela mesma, deslocada, no entanto e compatível, nas sociedades tradicionais (antigas, medievais etc.), com uma ordem firmemente estabelecida, mas suficientemente flexível para deixar proliferar essa mobilidade contestadora, desrespeitosa dos lugares, sucessivamente obediente e ameaçadora, que se entende das formas microbianas da narração cotidiana até as antigas manifestações carnavalescas (CERTAU, 2014, p. 198).

O tempo real nos impele no espaço real a buscar o tempo do horizonte, pois lá, existe um espaço para todos viver o tempo do eterno enquanto dure com beleza, prazer, juventude e fartura.

Então, a modernidade é substantivo desse tempo imperativo do espaço, carrasco da tradição e criadora do novo. A medida moderna é o que vem já que estamos a caminho, olhar para trás é perder energia já que o que passou cada vez fica mais distante e a referência para o novo não é o que passou, ao menos em discurso, é o que esta por vir, uma vez que, “Tudo

o que era sólido e estável se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusões a sua posição social e as suas relações com os outros homens (MARX e ENGELS, 2013, p. 43)”.

Com isso a modernidade move o tempo mudando o espaço, espantando a tradição, deslocando o estabelecido e vai a galope, só que este galope é barulhento, ruído, dominador, destruidor, encurta distâncias, aproxima os até então inimagináveis na proximidade, cria novidades, cria possibilidades, no entanto, o seu rastro é avassalador e como está disparado o controle de seus intentos egoístas, de sua ventura aberta só para frente é até então impossibilitado, daí, o futuro tão anunciado como a redenção da vida vem se tornando cada vez mais um anúncio fúnebre.

Se estamos vivendo o tempo de uma profunda radicalidade da modernidade e no seu limiar já se anuncia uma nova temporalidade e porque,

O progresso se torna esvaziado de conteúdo conforme a circularidade da modernidade se firma, e, num nível lateral, a quantidade de informação que flui diariamente para dentro, envolvida no fato de se viver em “um mundo”, pode às vezes ser assoberbante. E no entanto isto não é primordialmente uma expressão de fragmentação cultural ou da dissolução do sujeito num “mundo de signos” sem centro. Trata-se de um processo simultâneo de transformação da subjetividade e da organização social global, contra um pano de fundo perturbador de riscos de alta-consequência (GIDDENS, 1991, p. 192).

Assim, o que é portador do novo, apontado para o futuro, garantidor de inclusões humanas e criador de possibilidades de emancipação humana é, sobretudo, uma potente ameaça à vida em suas variadas manifestações,

Por isso se torna cada dia mais claro que as relações de produção nas quais se move a burguesia não têm um caráter único, um caráter simples, mas um caráter de duplicidade; que, nas mesmas relações nas quais se produz a riqueza se produz também a miséria; que nas mesmas relações nas quais há desenvolvimento das forças produtivas há uma força produtora de repressão; que essas relações só produzem a riqueza burguesa, isto é, a riqueza dos membros integrantes dessa classe e produzindo um proletariado sempre crescente (MARX, 2007, p. 112).

Claro, essa não é a posição de Giddens, pois, sua crença caminha pelo potencial da modernidade ainda que haja riscos, mas não a vê como ameaça à continuidade da vida já que entende que, “A solidariedade para com as aflições dos oprimidos é integral a todas as formas

de política emancipatória, mas alcançar as metas envolvidas depende com frequência da intervenção da influência dos privilegiados (GIDDENS, 1991, p. 176)”.

As aflições que impigem os oprimidos no tempo e espaço, significados por noções de progresso, tradição e modernidade, são sofrimentos extenuados historicamente e só atenuados pelos privilegiados por uma mera circunstância para acentuar e manter a divisão social e a expropriação. Dai que, a emancipação dos oprimidos só poderá ser obra de sua própria luta e não uma dádiva de seus algozes.

Referências Bibliográficas

BÍBLIA SAGRADA, edição pastoral. *Eclesiastes*. Paulinas: 1990.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2014.

DELAPORTE, François. *Foucault, Canguilhem e os monstros*. In. SALOMAN, Marlon. *História, verdade e tempo*. Chapecó: Argos, 2011.

DURKHEIM, Émile. *Os pensadores*. São Paulo: Abril cultural, 1978.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

JUNIOR, Carlos Oiti Berbert. *História, verdade e interpretação a partir da crise dos paradigmas*. In. SALOMAN, Marlon. *História, verdade e tempo*. Chapecó: Argos, 2011.

MARTINS, José de Souza. *A chegada do estranho*. São Paulo: Hucitec, 1993.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

MARX, Karl. *A miséria da filosofia*. São Paulo: Escala, 2007.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2013.

PINTO, Geraldo Augusto. *A organização do trabalho no século 20, taylorismo, fordismo e toyotismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. *O conceito de anacronismo e a verdade do historiador*. In. SALOMAN, Marlon. *História, verdade e tempo*. Chapecó: Argos, 2011.

VIANA, Nildo. *Violência urbana: a cidade como espaço gerador de violência*. Goiânia: Germinal, 2002.